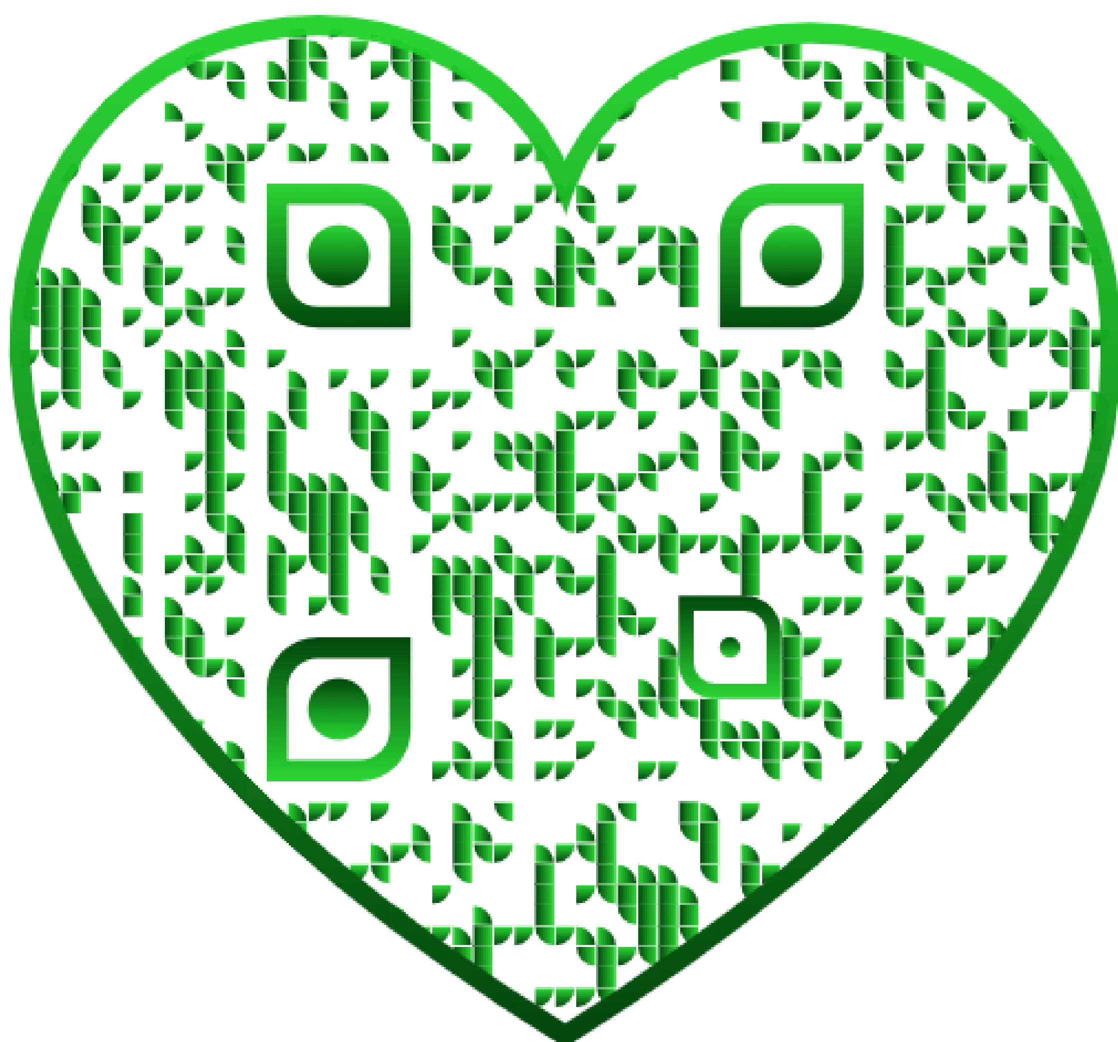
Arthur Conan Doyle

A segunda mancha



Era minha intenção encerrar a narração das aventuras do meu amigo Holmes com “Abbey Grange”. Essa resolução não foi tomada por falta de material, pois tenho anotações sobre centenas de casos aos quais nunca aludi, e tampouco devido ao desinteresse por parte dos leitores a respeito da singular personalidade e dos extraordinários métodos daquele homem. A verdadeira razão foi a má vontade de Holmes em relação a que eu continuasse a publicar suas experiências. Enquanto ele exercia a profissão, a narrativa de meus sucessos sempre lhe valia alguma coisa, mas desde que se retirou para uma fazenda de criação de abelhas, em Sussex Downs, tomou aversão à notoriedade e recomendou-me seriamente que obedecesse a seus desejos. Somente quando argumentei que prometera contar a história de “A segunda mancha” quando chegasse a ocasião propícia, insistindo em que a série devia terminar com a mais interessante, de importância internacional, é que ele me deu seu consentimento. Se eu, ao contar a história, parecer um tanto vago quanto aos pormenores, o público deverá reconhecer que há excelentes razões para essa reserva.

Foi, então, num ano, ou mesmo numa década, que não direi qual é, que, numa terça-feira de

manhã, no outono, vimos dois visitantes, famosos em toda a Europa, sentados em nossa humilde sala, na Baker Street. Um, austero, de nariz adunco, olhos de águia, dominador, não era outro senão o ilustre Lorde Beilinger, duas vezes primeiro-ministro da Inglaterra. O outro, moreno, elegante, quase de meia-idade, ostentando uma singular beleza de corpo e espírito, era o honorabilíssimo Trelawney Hope, secretário dos Negócios Europeus, o mais promissor dos estadistas da época. Sentaram-se lado a lado em nosso sofá cheio de papéis, e não foi difícil ver, pela expressão ansiosa de ambos, que era muito grave o assunto que ali os trazia. As mãos do primeiro-ministro, finas, de veias azuladas, comprimiam o castão de marfim do guarda-chuva, enquanto o rosto de asceta olhava sombriamente de Holmes para mim. O outro puxava nervosamente o bigode e mexia na corrente do relógio.

- Quando descobri o desaparecimento, sr. Holmes, hoje às oito da manhã, pus-me imediatamente em contato com o primeiro-ministro. Foi por sugestão sua que ambos viemos procurá-lo.

- Já informaram a polícia?

- Não - respondeu o ministro, com a maneira viva, incisiva, que era de todos conhecida. - Não o fizemos, e não é possível procurar a polícia. Isso

seria, no fim de contas, informar o público, coisa que desejamos particularmente evitar.

- E por quê, senhor ministro?

- Porque o documento desaparecido é de tal importância, que sua publicação poderia facilmente (posso quase dizer provavelmente) levar a complicações internacionais. Não é exagero dizer que dele podem depender a paz ou a guerra. A não ser que seja recuperado dentro do maior sigilo, não adianta ser encontrado, pois o objetivo daqueles que o apreenderam é justamente torná-lo conhecido.

- Compreendo. Agora, sr. Trelawney Hope, ficaria muito grato se me contasse exatamente em que circunstâncias desapareceu o documento.

- Posso fazê-lo em poucas palavras, sr. Holmes. A carta... pois trata-se de uma carta de um potentado estrangeiro, chegou há seis dias. Era tão importante que não a deixei no cofre, mas levava-a, todas as noites, do Whitehall Terrace para minha casa, e guardava-a em meu quarto, numa pasta fechada. Lá estava a noite passada, disso tenho certeza. Abri a pasta, enquanto me vestia para jantar, e vi o documento. Hoje de manhã havia desaparecido. A pasta ficou em minha mesinha-de-cabeceira a noite toda. Tenho o sono leve, e minha esposa, também. Estamos prontos a jurar que

ninguém entrou no quarto, durante a noite. Mas, repito: o documento desapareceu.

- A que horas jantaram?

- Às sete e meia.

- Quanto tempo depois foi para a cama?

- Minha mulher tinha ido ao teatro. Esperei-a. Fomos para a cama às onze e meia.

- Então, durante quatro horas, a pasta ficou desprotegida?

- Ninguém tem licença de entrar no quarto, a não ser, de manhã, a mulher da limpeza, e durante o dia, meu criado particular ou a criada de minha mulher. Esses dois são de toda a confiança, e estão há tempos a nosso serviço. Além disso, nenhum deles podia saber que havia na pasta um documento mais importante do que os papéis que despacho diariamente.

- Quem sabia da existência da carta?

- Ninguém em casa.

- Mas, sem dúvida, sua mulher sabia, não?

- Não, senhor. Nada contei à minha mulher, até dar pela falta do documento, hoje de manhã.

O ministro aprovou com a cabeça.

- Há muito que sei como é grande sua noção do dever público - declarou. - Estou convencido de

que, num caso de tão grande importância, o segredo paira acima dos laços de família.

O secretário inclinou a cabeça.

- O senhor realmente faz-me justiça - disse ele. - Até hoje de manhã, não tinha feito a mínima alusão sobre isso à minha esposa.

- Ela poderia ter suspeitado?

- Não, sr, Holmes, nem ela nem qualquer outra pessoa em casa.

- Perdeu algum documento antes disso?

- Nunca.

- Quem, na Inglaterra, sabia da existência da carta?

- Todos os membros do gabinete foram informados, ontem, mas a obrigação de guardar segredo, rotineira em todas as reuniões do gabinete, foi solenemente reforçada, por recomendação do primeiro-ministro. Deus do céu, pensar que, dali a poucas horas, eu próprio iria perdê-la!

Seu belo rosto estava desfigurado por uma expressão de desespero, e o homem puxou os cabelos. Por um momento ficamos conhecendo seu verdadeiro "eu": impulsivo, ardente, sensível. No momento seguinte, surgiu a máscara do aristocrata, e ouvimos de novo sua voz suave:

- Além dos membros do gabinete, há dois, talvez três empregados do departamento que sabiam da existência da carta - continuou ele. - Ninguém mais na Inglaterra, garanto-lhe, sr. Holmes.

- E no estrangeiro?

- Creio que ninguém, a não ser o homem que a escreveu. Estou convencido de que seus ministros ou os canais oficiais não foram empregados para a entrega da carta.

Holmes refletiu durante alguns segundos.

- Agora, senhores, posso saber o que há nesse documento, e por que motivo seu desaparecimento pode ter tão desastrosas conseqüências?

Os dois estadistas entreolharam-se rapidamente, e o primeiro-ministro contraiu as sobrancelhas.

- Sr. Holmes, trata-se de um envelope longo, fino, azul-claro. Há um sinete de lacre vermelho, com um leão deitado. A letra ê larga, ousada.

- Creio que, por mais interessantes que sejam esses pormenores, tenho de ir à raiz do fato. O que havia na carta?

- É um segredo de Estado de grande importância, e receio não poder contá-lo ao senhor, nem vejo necessidade disso. Se, auxiliado pêlos

dons que reconhecidamente possui, o senhor puder descobrir esse envelope e seu conteúdo, merecerá a gratidão de seu país e a recompensa que estiver a nosso alcance poder dar-lhe.

Sherlock Holmes ergueu-se com um sorriso.

- Os senhores são os dois homens mais ocupados da nação - disse ele. - E, em meu setor, também tenho muito o que fazer. Lamento não poder ajudá-los, a continuação desta entrevista seria uma perda de tempo.

O primeiro-ministro pulou, com aquele brilho rápido e feroz nos olhos que os membros do gabinete tinham aprendido a temer.

- Não estou habituado... - começou ele. Mas dominou a cólera e tornou a sentar-se. Por um minuto, todos ficamos em silêncio. O velho estadista encolheu os ombros.

- Temos de aceitar suas condições, sr. Holmes. Com certeza tem razão, e não podemos esperar que comece a agir a não ser que mereça nossa absoluta confiança.

- Estou de acordo - disse o secretário.

- Então vou contar-lhe, sr. Holmes, confiando em sua honra e na de seu colega, o dr. Watson. Apelo também para seu patriotismo, pois não seria

possível imaginar maior desventura para seu país do que a revelação deste incidente.

- Pode ter absoluta confiança em nós.

- A carta é de certo potentado, que ficou irritado com alguns recentes acontecimentos em nossas colônias. Foi escrita às pressas e sob sua única responsabilidade. Certas investigações provaram que seus ministros nada sabem a esse respeito. Por outro lado, está redigida de modo tão infeliz e certas frases são tão provocantes, que sua publicação levaria nosso país a um perigoso estado de coisas. Haveria tal revolta, senhor, que não hesito em dizer que, uma semana após sua divulgação, nos veríamos envolvidos numa guerra.

Holmes escreveu um nome num pedaço de papel e entregou-o ao primeiro-ministro.

- Exatamente. Foi ele. E foi essa carta, essa carta que pode significar o gasto de milhões de libras e a perda de milhares de vidas, que se extraviou de maneira tão inexplicável.

- Informaram o homem que a escreveu?

- Sim, mandamos um telegrama cifrado.

- Talvez ele deseje a divulgação da carta.

- Não, senhor. Temos razões para supor que ele já compreendeu ter agido de maneira indiscreta e

impensada. Se a carta se tornar conhecida, o golpe será maior para ele e para seu país do que para nós.

- Nesse caso, quem tem interesse em que a carta apareça? Por que desejariam roubá-la, ou publicá-la?

- Agora, sr. Holmes, o senhor leva-nos às regiões da alta política internacional. Mas, se observar a situação da Europa, não terá dificuldade em conhecer o motivo. A Europa inteira está em pé de guerra. Há uma dupla aliança, que estabelece um equilíbrio de poder militar. A Grã-Bretanha é o fiel da balança. Se a Inglaterra fosse levada à guerra contra uma das confederações, daria supremacia à outra, quer esta entrasse na guerra ou não. Compreende?

- Perfeitamente. Os inimigos desse potentado têm, portanto, interesse em publicar a carta, de maneira a causar um rompimento entre seu país e o nosso?

- Exatamente.

- E a quem seria o documento mandado, se caísse nas mãos de um inimigo?

- A qualquer uma das grandes chancelarias da Europa. Provavelmente está a caminho de uma delas, neste momento.

O sr. Trelawney Hope deixou a cabeça cair sobre o peito e soltou um gemido. O primeiro-ministro pôs bondosamente a mão em seu ombro.

- Foi infelicidade sua, meu amigo. Ninguém pode censurá-lo. Não houve precaução que não tomasse. Agora, sr. Holmes, está de posse de todos os fatos. O que nos aconselha?

Holmes sacudiu a cabeça, desanimado.

- Os senhores acham que, a não ser que o documento seja recuperado, haverá uma guerra?

- É muito provável.

- Então, preparem-se para a guerra.

- Está sendo duro, sr. Holmes.

- Considere os fatos, senhor. É inconcebível que a carta tenha sido roubada depois das onze e meia da noite, uma vez que o sr. Hope e sua esposa estiveram no quarto desde essa hora até o momento em que notaram sua falta. Então foi roubada ontem, entre as sete e meia e as onze e meia, provavelmente mais perto das sete e meia, pois quem a tirou sabia que ela estava ali e tinha interesse em levá-la o mais depressa possível. Agora, senhores, se um documento dessa importância foi roubado a essa hora, onde poderá estar agora? Ninguém tem motivos para guardá-lo. Deve ter sido entregue imediatamente àqueles que o cobiçavam. Que

probabilidades temos de encontrá-lo? Está fora de nosso alcance.

O primeiro-ministro ergueu-se.

- O que diz é perfeitamente lógico, sr. Holmes. Receio que o caso tenha saído de nossas mãos.

- Vamos supor, só para argumentar, que a carta tenha sido roubada pelo criado ou pela mulher da limpeza...

- São empregados antigos e de toda a confiança.

- Pelo que deduzi, seu quarto fica no segundo andar, não tem entrada por fora, e ninguém poderia chegar até lá sem ser visto. Deve, então, ter sido pessoa da casa. A quem levariam a carta? A algum dos vários espiões internacionais e agentes secretos cujos nomes são mais ou menos conhecidos. Há três que talvez possam ser considerados os mais atilados na profissão. Começarei minha investigação procurando-os a todos. Se algum estiver fora, principalmente se tiver desaparecido ontem à noite, teremos um indício sobre o destino do documento.

- Por que o homem haveria de ter desaparecido? - perguntou o secretário. - Bastaria levar a carta a alguma embaixada em Londres.

- Não creio. Esses agentes trabalham por conta própria e, muitas vezes, suas relações com as embaixadas são tensas.

O primeiro-ministro aprovou com a cabeça.

- Creio que tem razão, sr. Holmes. Ele deveria levar tão valiosa prenda pessoalmente ao quartel-general. Acho que sua sugestão é ótima. Nesse meio tempo, Hope, não podemos abandonar nossos afazeres por causa deste incidente. Se houver alguma novidade, nós o avisaremos, sr. Holmes; e o senhor, por sua vez, certamente nos manterá informados.

Os dois estadistas ergueram-se, inclinaram-se e saíram, com ar grave.

Holmes acendeu um cachimbo em silêncio e ficou durante algum tempo perdido em meditação. Eu abrira o jornal da manhã e estava imerso na leitura de um crime sensacional que ocorrera na noite anterior, quando meu amigo soltou uma exclamação, deu um salto da cadeira e colocou o cachimbo sobre a lareira.

- Não há melhor maneira de começar a investigação - disse ele. - A situação é difícil, mas não desesperadora. Mesmo agora, se eu soubesse ao certo qual deles tem a carta, há a possibilidade de que ainda não a tenha mandado... Afinal de contas, e uma questão de dinheiro com essa gente, e tenho o Banco da Inglaterra atrás de mim. Se a carta estiver no mercado, compro-a, mesmo que isso venha a

significar mais um centavo nos futuros impostos. É possível que o homem guarde a carta para ver qual a oferta de nosso lado antes de oferecê-la ao outro. Há apenas três homens capazes de jogo tão ousado: Oberstein, La Rothiere e Eduardo Lucas. Irei vê-los.

Olhei para o jornal da manhã.

- Eduardo Lucas mora na Godolphin Street?

- Mora.

- Então não o verá.

- Por que não?

- Porque foi assassinado em sua casa, a noite passada.

Meu amigo tem-me surpreendido tantas vezes, em nossa carreira, que foi com imenso prazer que percebi tê-lo deixado atônito. Olhou-me por um segundo, depois arrancou-me o jornal das mãos. Era este o parágrafo que eu estivera lendo:

" ASSASSINATO EM WESTMINSTER

Um crime misterioso foi cometido a noite passada, no número 16 da Godolphin Street, uma das casas antigas do século XVIII, quase à sombra da grande torre do Parlamento. A pequena mas fina mansão era habitada, há alguns anos, pelo sr. Eduardo Lucas, conhecido nos círculos sociais pela

sua encantadora personalidade e pela merecida reputação de ser um dos melhores tenores do país. O sr. Lucas era solteiro e tinha trinta e quatro anos de idade. Havia dois empregados em casa, a sra. Pringie, governanta já idosa, e Mitton, o mordomo. A governanta deita-se cedo e dorme no sótão. O mordomo tinha saído, para visitar um amigo, em Hammersmith. Das dez horas em diante o sr. Lucas estava só em casa. Não se sabe o que ocorreu nesse intervalo, mas, às quinze para a meia-noite, o policial Barret, ao passar pelo número 16 da Godolphin Street, notou que a porta estava escancarada. Bateu, mas não obteve resposta. Vendo luz na sala da frente, adiantou-se e bateu de novo, sem resultado. Empurrou a porta e entrou. A sala estava em grande desordem, a mobília fora levada para um canto e uma cadeira estava tombada de costas, ao centro. Ao lado da cadeira, ainda agarrado a uma das pernas, estava o infeliz dono da casa. Fora apunhalado no coração e deve ter tido morte instantânea. A arma do crime era uma adaga indiana, curva, arrancada a uma coleção de trofeus orientais que adornavam as paredes. O roubo não parece ter sido o móvel do crime, pois não houve tentativa de levar os objetos de valor da sala. O sr. Eduardo Lucas era muito conhecido e popular, e

sua morte violenta e misteriosa causou pesar em seu círculo de relações.”

- Então, Watson, que me diz a isso? - perguntou Holmes, após longa pausa.

- É uma estranha coincidência.

- Coincidência! Temos aqui um dos homens que citamos como um dos possíveis atores do drama, e ele encontra uma morte violenta justamente no momento em que sabemos que o drama está sendo encenado. Tudo indica que não se trata de coincidência. Não, caro Watson, os dois acontecimentos estão ligados, têm de estar ligados. Cabe-nos encontrar a relação existente entre eles.

- Mas agora a polícia oficial já deve saber tudo.

- De forma nenhuma. Sabem, apenas, do que se passou na Godolphin Street. Nada sabem, e nem saberão, do que se passa no Whitehall Terrace. Somente nós conhecemos os dois fatos e podemos relacioná-los. Há um ponto que, de qualquer maneira, faria com que minhas suspeitas se virassem contra Eduardo Lucas. A Godolphin Street, em Westminster, fica apenas a alguns passos do Whitehall Terrace. Os outros agentes a que me referi moram muito mais longe. Portanto, seria fácil a Lucas estabelecer contato ou receber uma mensagem da casa do secretário, algo insignificante

mas que poderia ser provado como essencial, quando os acontecimentos se precipitassem. Ei, o que temos aqui?

A sra. Hudson aparecera, trazendo na salva o cartão de uma senhora.

Holmes olhou para o nome, ergueu as sobrancelhas e passou-me o cartão.

- Diga a Lady Hilda Trelawney Hope que faça o favor de entrar.

No momento seguinte, nosso apartamento, já tão honrado naquela manhã, foi distinguido novamente com a presença de uma das mulheres mais lindas de Londres. Eu já ouvira falar na beleza da filha mais nova do duque de Belminster, mas nenhuma descrição ou fotografia me preparara para a beleza delicada e o sutil encanto da mulher que estava à nossa frente. Mas o rosto que vimos naquela manhã de outono não era de beleza que impressionasse à primeira vista. Rosto belo, mas pálido de emoção; os olhos brilhavam, mas com um brilho febril; a boca sensível estava tensa, num esforço de autodomínio. Terror, não beleza, era o que havia no olhar de nossa visitante, quando surgiu à porta.

- Meu marido esteve aqui, sr. Holmes?

- Sim, minha senhora, esteve.

- Sr. Holmes, suplico-lhe que não lhe diga que vim a sua casa.

Holmes inclinou-se friamente e indicou-lhe uma cadeira.

- Minha senhora, está me colocando numa situação delicada. Peço-lhe que se sente e me diga o que tem a dizer, mas receio não poder fazer promessas incondicionais.

Ela entrou e sentou-se de costas para a janela. Era uma presença régia - alta, graciosa e essencialmente feminina.

Abrindo e fechando as mãos enluvadas de branco, começou:

- Vou falar-lhe com franqueza, na esperança de que também seja franco comigo. Há absoluta confiança entre mim e meu marido, em todos os assuntos, a não ser num: a política. Nesse ponto, seus lábios são mudos. Ele nada me conta. Mas vim a saber que houve um lamentável incidente em nossa casa, a noite passada, com o desaparecimento de um documento importante. Como é de natureza política, meu marido recusa-se a fazer-me confidências. Mas é essencial... essencial, compreenda-me, que eu saiba o que aconteceu. O senhor é a única pessoa, além daqueles políticos, a conhecer a verdade exata. Suplico-lhe, sr. Holmes,

diga-me do que se trata e quais as possíveis consequências. Conte-me tudo, sr. Holmes. Não permita que o interesse de seu cliente o faça calar-se, pois garanto que o interesse dele, se pudesse saber da verdade, seria justamente que eu ficasse sabendo de tudo. Que documento era esse que foi roubado?

- Minha senhora, pede-me o impossível.

Ela gemeu e escondeu o rosto nas mãos.

- Deve compreender, minha senhora. Se seu marido acha que nada lhe deve revelar, não compete a mim, que fiquei a par dos fatos sob juramento de segredo, contar-lhe o que ele ocultou. É a ele que deve perguntar.

- Perguntei-lhe. Venho ter com o senhor como último recurso. Mas, sem me dizer nada definitivo, far-me-ia um grande favor se me esclarecesse um ponto.

- Qual, minha senhora?

- A carreira política de meu marido poderia ficar comprometida por esse incidente?

- Pois bem, a não ser que o caso seja solucionado favoravelmente, terá gravíssimas consequências.

- Ah! - Ela suspirou, como quem tivesse tomado uma resolução. - Mais uma pergunta, sr.

Holmes. Por uma frase que meu marido deixou escapar, no primeiro momento de choque, deduzi que terríveis consequências públicas poderiam surgir pela perda do documento.

- Se ele o disse, não posso negar o fato.

- De que natureza é o perigo?

- Agora, minha senhora, está perguntando mais do que posso responder.

- Então, não lhe tomarei mais tempo. Não posso censurá-lo, sr. Holmes, por se ter recusado a falar mais livremente, e espero que não pense mal de mim por desejar, contra a vontade de meu marido, participar de sua aflição. Suplico-lhe, mais uma vez, que não lhe fale de minha visita.

Ela olhou-nos da porta, e tive novamente a visão de um rosto belo, ansioso, os olhos assustados e a boca tensa. Depois, desapareceu.

- Agora, caro Watson, o belo sexo é sua especialidade - disse Holmes com um sorriso. - Qual o jogo daquela senhora? Que desejava ela realmente?

- Não há dúvida de que sua ansiedade era sincera.

- Hum... Pense em sua aparência, Watson, a excitação, o ar inquieto, a tenacidade das perguntas.

Lembre-se de que pertence a uma classe que não demonstra emoção facilmente.

- Não há dúvida de que estava emocionada.

- Lembre-se, também, da curiosa insistência com que disse que precisava saber, no interesse do marido. Que queria dizer com isso? E deve ter observado que ela procurou ficar de costas para a janela. Não quis que lhe víssemos a expressão do rosto.

- Sim, ela escolheu aquela cadeira.

- Apesar de tudo, os motivos das mulheres são inescrutáveis. Lembre-se da mulher de Margate, de quem suspeitei pela mesma razão. Não tinha pó no rosto - foi essa a solução correta. Como é possível construir sobre areia movediça? O ato mais trivial pode significar muito, a mais extraordinária atitude pode depender de um grampo ou de um alfinete. Até logo, Watson.

- Vai sair?

- Sim, vou passar a manhã na Godolphin Street, com nossos amigos da polícia oficial. Em Eduardo Lucas está a solução do mistério, e confesso que tenho um palpite a respeito do rumo que os fatos tomarão. É um grande erro formar teorias antes dos acontecimentos. Fique de guarda, caro Watson, e

receba os visitantes que aparecerem. Virei almoçar, se me for possível.

Durante todo esse dia e no seguinte, Holmes se mostrou taciturno. Entrava e saía, fumava sem cessar, devorava sanduíches fora de hora, caía em meditação e mal respondia às minhas perguntas. Não havia dúvida de que as coisas não corriam muito bem. Não quis me contar nada, e eu soube dos pormenores do inquérito pêlos jornais. Li sobre a prisão e a soltura do mordomo de Lucas. O médico-legista declarou: "Assassinato, por pessoa ou pessoas desconhecidas". Nenhum móvel do crime foi apresentado. Havia na sala objetos de valor, mas não foram roubados. Não tinham mexido nos documentos do morto. Estes foram examinados, e ficou provado que ele era um estudioso de assuntos internacionais, um extraordinário linguista, e mantinha vasta correspondência. Fora íntimo dos maiores políticos de vários países. Mas nada de sensacional foi descoberto entre os documentos guardados nas gavetas. Quanto às suas relações com mulheres, parece que haviam sido variadas, mas superficiais. Tinha muitas conhecidas, mas poucas amigas, e não amava nenhuma. Seus hábitos eram regulares, sua conduta, inofensiva. Sua morte era um mistério, e assim permaneceria.

Quanto à prisão de John Mitton, o mordomo, fora um gesto de desespero por parte da polícia, só para não deixar de fazer alguma coisa. Nada havia contra ele. Tinha um álibi perfeito. Era verdade que voltara para casa a uma hora que lhe permitiria chegar antes do momento do crime, mas sua alegação de que fizera parte do caminho a pé era aceitável, em vista da beleza da noite. Chegara a casa à meia-noite, e mostrara-se consternado com a tragédia. Sempre se dera bem com o patrão. Alguns objetos do morto - entre eles um aparelho de barba - foram encontrados em seu poder, mas explicou que eram presentes do patrão e a governanta confirmou suas palavras. Havia três anos que Mitton trabalhava com Lucas. O patrão nunca o levara nas suas viagens ao continente. Às vezes passava três meses em Paris, mas o mordomo ficava tomando conta da casa em Londres. Quanto à governanta, nada ouvira na noite do crime. Se viera alguma visita, devia ter sido recebida pelo próprio patrão.

O mistério continuou durante três manhãs, pelo que li nos jornais. Se Holmes sabia de alguma coisa, nada me contou, a não ser que estava em contato com o inspetor Lestrade. No quarto dia, chegou um telegrama de Paris que parecia conter a solução do problema.

“A polícia parisiense acaba de fazer uma descoberta (disse o *Daily Telegraph*) que ergueu o véu sobre a trágica morte do sr. Eduardo Lucas, assassinado na segunda-feira, na Godolphin Street, em Westminster. Nossos leitores devem estar lembrados de que ele foi encontrado morto em sua sala, havendo suspeitas contra o mordomo, que provou ter um álibi. Ontem, uma senhora conhecida como Mme Henri Fournaye, que mora numa vila na Rue Austerlitz, foi denunciada como louca, à polícia, pêlos seus empregados. O exame provou que sorria de mania de perseguição. A polícia descobriu que essa senhora voltara de Londres na última terça-feira, e há razões para relacioná-la com o crime de Westminster. Uma comparação de fotografias demonstrou que o sr. Henry Fournaye e Eduardo Lucas são a mesma pessoa, e que o morto levava vida dupla, em Londres e Paris. Mme Fournaye, que é de origem crioula, possui natureza excitável, pois teve no passado crises de ciúme que se assemelhavam à loucura. Supõe-se que, numa delas, tenha cometido o crime que emocionou Londres inteira. Seus movimentos, na noite de segunda-feira, ainda não foram reconstituídos, mas sabe-se que uma mulher cuja descrição se adapta à sua chamou muito a atenção na Estação de Charing

Cross, na terça-feira de manhã, pela aparência desordenada e gestos frenéticos. Portanto, é provável que o crime tenha sido cometido num momento de loucura, e a infeliz mulher teria ficado com a mente irremediavelmente prejudicada. De momento, não está em condições de prestar declarações, e os médicos não têm esperanças de que volte à normalidade. Sabe-se que uma mulher, que pela descrição poderia ter sido ela, andou espiando a casa da Godolphin Street durante algumas horas, na segunda-feira à noite."

- Que pensa disso, Holmes? - perguntei, ao terminar a leitura em voz alta, enquanto ele acabava seu café da manhã.

Holmes ergueu-se e pôs-se a passear pela sala.

- Caro Watson, você é muito paciente, mas, se nada lhe contei, foi porque nada havia a contar nestes três últimos dias. Mesmo agora, esta notícia de Paris de nada nos adianta.

- Mas é definitiva, quanto à morte do homem.

- A morte de Lucas é um mero incidente, um episódio trivial, em comparação com nossa verdadeira missão, que é encontrar o documento para evitar uma catástrofe na Europa. Somente uma coisa importante aconteceu nestes três últimos dias: precisamente o fato de nada ter acontecido. Tenho

recebido notícias de hora em hora do governo, e não há dúvida de que não há sinal de crise na Europa. Ora, se a carta estivesse perdida... Mas não pode estar perdida... E, não estando perdida, onde está? Quem a tem em seu poder? E por que a conserva, sem se servir dela? É essa a questão que não me sai do pensamento. Terá sido mesmo coincidência o fato de Lucas falecer na mesma noite em que a carta desapareceu? Teria a carta chegado às suas mãos? Nesse caso, por que não está entre seus documentos? A esposa louca teria levado a carta para Paris? Nesse caso, estará em sua casa? Como eu poderia procurá-la sem despertar as suspeitas da polícia francesa? Trata-se de um caso, Watson, em que a lei é tão perigosa quanto os criminosos. Estão todos contra nós, e, no entanto, esse é um caso de tremenda importância. Se eu conseguir ser bem sucedido, será o apogeu de minha carreira. Agora, as últimas notícias da frente de batalha!...

Holmes leu de relance o bilhete que lhe fora entregue, e continuou:

- Ora, ora! Parece que Lestrade observou algo interessante. Pegue seu chapéu, Watson, e vamos para Westminster.

Era minha primeira visita à cena do crime. Lestrade olhou-nos da janela da frente e saudou-nos

cordialmente, quando um policial alto e forte nos abriu a porta. Entramos na sala onde Lucas fora morto, mas já não havia sinais da tragédia, a não ser uma mancha feia, irregular, no tapete. Era um tapete quadrado, pequeno, no centro da sala, cercado por um soalho antigo, de tacos quadrados, e muito bem encerado. Sobre a lareira, havia uma magnífica coleção de armas, uma das quais servira de instrumento do crime. Perto da janela, uma suntuosa escrivaninha; tudo indicava o gosto e o luxo do proprietário.

- Viu as notícias de Paris? - perguntou Lestrade.

Holmes inclinou a cabeça.

- Parece que nossos amigos franceses acertaram dessa vez. Não há dúvida de que deve ter sido conforme eles pensaram. Ela bateu à porta sem ser aguardada, pois parece que o homem levava uma existência dupla. Lucas fê-la entrar; não podia deixá-la na rua. Discutiram, ela recriminou-o, uma coisa levou a outra e ali estavam as armas, à disposição de qualquer um. Não foi coisa rápida, pois a desordem da sala indicava luta, e as cadeiras estavam todas empurradas para um canto.

Holmes ergueu as sobrancelhas.

- Apesar disso, você mandou me chamar?

- Ah, sim, há um pormenor, coisa insignificante, mas dessas que despertam o interesse. Nada tem a ver com o fato principal, ao que parece.

- Então o que é?

- Pois bem, o senhor sabe que, depois de um crime desses, temos o máximo cuidado em manter as coisas nos devidos lugares. O policial de guarda não arredou pé daqui. Hoje de manhã, depois do enterro, como a investigação terminara, achamos que podíamos pôr um pouco de ordem na sala. Veja o tapete. Não está preso ao soalho. Quando o erguemos, encontramos...

- Sim? Encontraram...

Havia ansiedade no rosto de Holmes.

- Pois bem, creio que o senhor nunca adivinharia. Vê esta mancha, no tapete? Muito sangue deve tê-lo atravessado, não é verdade?

- Sem dúvida.

- Pois bem, vai ficar admirado por saber que não havia mancha correspondente no soalho.

- Não havia mancha! Mas deve haver!

- Era de supor, mas não há.

Lestrade virou o tapete para provar o que dizia.

- Mas a parte de cima está tão marcada como a de baixo. Deve haver uma mancha no soalho.

Lestrade riu, satisfeito por deixar perplexo o grande perito.

- Agora, a explicação. Há uma segunda mancha, mas não corresponde à primeira. Veja.

Lestrade puxou o tapete, e de fato havia uma grande mancha escura no outro lado do soalho.

- A polícia não precisa do senhor, sr. Holmes, para encontrar essa explicação. As manchas são idênticas, como podemos ver virando o tapete e colocando uma sobre a outra. Mas desejo saber quem virou o tapete e por quê.

Vi pela expressão de Holmes que ele estava vibrante de excitação.

- Escute, Lestrade, o policial ficou de guarda o tempo todo?

- Sim, ficou.

- Então, ouça meu conselho. Interrogue-o minuciosamente. Não o faça diante de nós. Esperaremos aqui. É mais fácil conseguir uma confissão sem testemunhas. Pergunte-lhe como ousou deixar entrar uma pessoa aqui, deixando-a só nesta sala. Não pergunte se ele o fez; afirme-o como coisa certa. Diga-lhe que sabe que alguém esteve aqui. Pressione-o. Diga que uma confissão será sua única esperança de perdão. Faça como lhe digo.

- Por Deus, se ele souber eu o farei confessar! - exclamou Lestrade, saindo apressadamente.

Logo em seguida ouvimo-lo no quarto dos fundos interrogando o policial.

- Agora, Watson! - exclamou Holmes, com frenesi. Todas as forças diabólicas daquele homem, ocultas sob a máscara da frieza, irromperam num paroxismo de energia. Puxou para um lado o tapete e pôs-se de joelhos, apalpando todos os tacos do soalho. Um deles moveu-se, como a tampa de uma caixa. Vimos uma pequena cavidade escura. Holmes enfiou a mão ansiosamente, mas retirou-a com uma exclamação de desapontamento. Nada encontrara.

- Depressa, Watson, vamos pôr o tapete no lugar! - disse ele.

Dali a minutos, ouvimos a voz de Lestrade no corredor. Encontrou Holmes apoiado languidamente à lareira, com ar entediado.

-- Desculpe-me tê-lo feito esperar, sr. Holmes - disse ele. - Vejo que está aborrecido com essa história toda. Pois bem, o homem confessou. Venha cá, MacPherson. Que estes senhores fiquem sabendo de sua imperdoável conduta.

Vermelho e arrependido, o policial entrou na sala.

- Não o fiz por mal, senhor, pode estar certo. A jovem veio a noite passada, tinha-se enganado de casa, foi o que aconteceu. Começamos a conversar. É triste quando se fica no posto o dia inteiro.

- E depois o que houve?

- Ela queria ver a cena do crime, tinha lido a respeito do caso nos jornais, disse ela. Era muito respeitável, muito fina, de modo que não vi mal em deixá-la entrar. Quando viu a mancha no tapete, caiu desmaiada no chão, ali ficando como morta. Corri para os fundos e trouxe um copo de água, mas não consegui fazê-la voltar a si. Fui então até a taberna da esquina buscar um pouco de conhaque. Quando voltei, a jovem já partira, muito envergonhada, creio eu, sem ter coragem de me encarar.

- E o tapete?

- Pois bem, estava um pouco enrugado, não há dúvida, mas a moça tinha caído em cima dele. Endireitei-o.

- É uma lição para provar que não pode me enganar, MacPherson - disse Lestrade com dignidade. - Com certeza pensou que sua falta nunca seria descoberta, mas bastou-me olhar para o tapete para ver que alguma coisa acontecera. Felizmente para você, nada falta, do contrário a

coisa não ficava por aqui. Sinto tê-lo chamado por assunto tão trivial, sr. Holmes, mas achei que o fato de uma mancha não coincidir com a outra iria interessá-lo.

- Sim, de fato. A mulher só esteve aqui uma vez?

- Sim, apenas uma vez - respondeu o guarda.

- Quem era ela?

- Não a conheço, senhor. Estava bem vestida. Creio que se pode dizer que era bonita. Alguns diriam muito bonita, mesmo. “Oh, chefe, deixe-me dar só uma olhadinha!”, disse ela. Tinha um jeitinho especial, como se costuma dizer, e pensei que não havia mal em deixá-la espiar da porta.

- Como estava vestida?

- Discretamente, com um manto longo até os pés.

- Que horas eram?

- Era noitinha. Estavam acendendo as luzes quando voltei com o conhaque.

- Muito bem - disse Holmes. - Agora, Watson, creio que temos coisas mais importantes a fazer.

Saímos dali, deixando Lestrade na sala, enquanto o arrependido policial nos acompanhava até a porta. Holmes virou-se e mostrou-lhe um papel. O homem olhou atentamente.

- Deus do céu! - exclamou, atônito. Holmes pôs o dedo nos lábios, guardou de novo o papel no bolso e saiu rindo pela rua.

- Ótimo! - disse ele. - Venha, Watson, a cortina ergue-se para o último ato. Você vai ficar satisfeito por saber que não haverá guerra, que a carreira do honorabilíssimo Trelawney Hope não sofrerá danos, que o indiscreto potentado não pagará por sua indiscrição, que o primeiro-ministro não se verá a braços com complicações europeias e que, com um pouco de tato de nossa parte, ninguém ficará prejudicado com o que poderia ter sido um incidente muito desagradável.

Minha admiração por aquele homem extraordinário aumentava sem cessar.

- Você resolveu o problema! - exclamei.

- Não é bem isso, caro Watson. Há pontos tão obscuros, como ao princípio. Mas temos já tanta coisa, que será culpa nossa se não desvendarmos o mistério. Vamos para o Whitehall Terrace decidir o caso.

Quando chegamos à casa do secretário de Estado, foi por Lady Trelawney que Holmes perguntou. Fizeram-nos entrar na sala de visitas.

- Sr. Holmes! - disse ela, rubra de indignação. - Isso é injusto e pouco generoso da sua parte.

Desejava, conforme lhe disse, que a visita que lhe fiz permanecesse secreta, para que meu marido não julgasse que me intrometo em seus assuntos. Mas o senhor me compromete vindo procurar-me, e mostrando que tem relações profissionais comigo.

- Infelizmente, minha senhora, não tenho outra alternativa. Fui contratado para recuperar um importante documento. Tenho, portanto, de lhe pedir que o entregue a mim.

Ela pulou da cadeira, e a cor desapareceu-lhe do rosto.

Tive a impressão de que ia desmaiar. Depois, com grande esforço, dominou-se, e a surpresa e a indignação não deixaram lugar a outra expressão.

- O senhor insulta-me, sr. Holmes.

- Vamos, vamos, minha senhora, entregue-me a carta.

Ela adiantou-se para a campainha.

- O mordomo os conduzirá à porta.

- Não toque, Lady Hilda. Se o fizer, verei frustrados meus esforços para evitar um escândalo. Dê-me a carta e as coisas ficarão no seu lugar. Se cooperar, farei com que tudo fique em ordem. Se se puser contra mim, serei obrigado a denunciá-la.

Ela ficou de pé, provocadora, figura régia, os olhos fixos em Holmes, como se quisesse ler sua

alma. Sua mão pousava na campainha, mas recusou-se a tocá-la.

- Está procurando amedrontar-me. Não é muito nobre de sua parte, sr. Holmes, vir aqui ameaçar uma mulher. Diz que sabe alguma coisa. O que sabe?

- Faça o favor de se sentar, minha senhora. Poderá machucar-se se cair. Não falarei, até então. Obrigado.

- Dou-lhe cinco minutos, sr. Holmes.

- Basta um, Lady Hilda. Sei de sua visita a Eduardo Lucas, sei que lhe entregou o documento, sei de sua engenhosa visita à sala, a noite passada, e de que maneira recuperou a carta, tirando-a do esconderijo sob o tapete.

Ela olhou para meu amigo com o rosto lívido e engoliu em seco, uma ou duas vezes, antes de falar.

- Está louco, sr. Holmes, está louco!

Holmes tirou do bolso um pedaço de papelão. Vimos o rosto de uma mulher recortado de uma fotografia.

- Trouxe isto comigo por achar que me seria útil - disse ele. - O policial reconheceu-a.

Ela soltou um gemido, a cabeça caída sobre o peito.

- Vamos, Lady Hilda. A senhora tem a carta em seu poder. O caso pode ser remediado. Não tenho interesse em prejudicá-la. Meu dever terminará no momento em que devolver a carta a seu marido. Siga meu conselho e seja franca comigo; é sua única oportunidade.

A coragem dela foi admirável. Nem mesmo então se reconheceu derrotada.

- Repito, sr. Holmes, que está completamente iludido.

Holmes ergueu-se.

- Sinto muito pela senhora, Lady Hilda. Fiz o possível, mas vejo que foi em vão.

Holmes tocou a campainha. O mordomo apareceu.

- O sr. Trelawney já chegou?

- Deve chegar às quinze para a uma, senhor.

Holmes olhou para o relógio.

- Faltam quinze minutos. Muito bem. Esperarei.

Mal o mordomo fechou a porta, Lady Hilda atirou-se de joelhos diante de Holmes, as mãos estendidas, o lindo rosto úmido de lágrimas.

- Oh, poupe-me, sr. Holmes! Poupe-me! - suplicou ela. - Pelo amor de Deus, não lhe conte! Amo-o tanto! Não era meu desejo causar-lhe o menor desgosto, pois isso lhe partiria o coração.

Holmes obrigou-a a erguer-se.

- Fico satisfeito, minha senhora, por ver que recuperou o bom senso, embora no último momento. Não há um segundo a perder. Onde está a carta?

Ela correu para a escrivaninha, abriu-a e tirou de lá um longo envelope azul.

- Aqui está, sr. Holmes. Antes nunca o tivesse visto.

- Como poderemos devolvê-lo? - murmurou Holmes. - Depressa, depressa, temos de encontrar um meio! Onde está a pasta?

- Ainda está no quarto.

- Que sorte! Depressa, minha senhora, vá buscá-la.

No momento seguinte, ela voltou com a pasta.

- Como foi que a abriu? Tem uma chave? Claro que deve ter. Abra a pasta.

Lady Hilda tirou uma chave do seio. Abriu a pasta. Estava cheia de documentos. Holmes enfiou o envelope no meio deles. A pasta foi fechada e levada de novo para o quarto.

- Agora estamos prontos para receber seu marido - disse Holmes. - Ainda nos sobram dez minutos. Estou indo longe demais para protegê-la,

Lady Hilda. Em troca, quero que me conte francamente o significado de tudo isso.

- Sr. Holmes, vou contar-lhe tudo! - exclamou a infeliz senhora. - Oh, sr. Holmes, preferia perder a mão direita a dar a meu marido um momento de desgosto. Não há, em Londres, mulher que tenha maior amor ao marido, e, se ele soubesse o que fiz, o que fui obrigada a fazer, nunca me perdoaria. Coloca tão alto sua honra, que não perdoaria um deslize em outra pessoa. Ajude-me, sr. Holmes! Minha felicidade e a dele estão em jogo!

- Depressa, minha senhora, o tempo voa.

- Foi uma carta minha, sr. Holmes, uma carta indiscreta, antes de meu casamento. Carta de menina tola, impulsiva. Não havia mal, mas poderia causar má impressão. Se ele a lesse, perderia para sempre a confiança em mim. Há anos que escrevi essa carta. Pensei que estivesse tudo esquecido. Mas fiquei sabendo que estava nas mãos daquele homem, Lucas, e que ele estava disposto a apresentá-la a meu marido. Pedi-lhe misericórdia. Ele respondeu que me daria a carta se eu lhe entregasse certo documento que se encontrava na pasta de meu marido. Ele tinha um espião, no escritório, que lhe falou na existência do documento.

Ponha-se na minha posição, sr. Holmes! Que podia eu fazer?

- Abrir-se com seu marido.

- Não podia, não podia, sr. Holmes! De um lado, a ruína certa; do outro, por terrível que parecesse tirar um documento a meu marido, em matéria de política eu não podia medir as consequências, ao passo que, numa questão de amor, tudo estava claro ante meus olhos. Concordei, sr. Holmes! Tirei um molde da fechadura, e Lucas mandou fazer a chave. Abri a pasta, tirei o documento e levei-o à Godolphin Street.

- Que aconteceu, então?

- Bati à porta, como combinado. Lucas abriu-a. Segui-o até a sala, deixando a porta da rua aberta, por medo de ficar a sós com ele. Lembro-me de ter visto uma mulher na calçada quando entrei. Nosso negócio foi rápido. Ele entregou-me a carta, e eu lhe dei o documento. Nesse momento, ouvimos um ruído no corredor. Lucas virou rapidamente o tapete e enfiou o documento num esconderijo, cobrindo-o de novo com o tapete.

“O que aconteceu em seguida parece um pesadelo. Vi um rosto de mulher, moreno, desesperado, e uma voz gritou em francês: 'Minha espera não foi em vão. Finalmente encontro você

com ela!' Houve luta. Vi-o com uma cadeira nas mãos, ela com uma faca. Saí dali correndo e, no dia seguinte, li a notícia do crime nos jornais. Senti-me feliz, naquela noite, pois tinha minha carta, mas não sabia o que o futuro me reservava.

"Na manhã seguinte, compreendi que trocara um aborrecimento por outro. O desespero de meu marido, ao perceber que o documento desaparecera, cortou-me o coração. Mal pude conter o ímpeto de me ajoelhar a seus pés e confessar-lhe tudo. Mas isso seria confessar também o passado. Fui então procurá-lo, sr. Holmes, para que compreendesse a extensão de meu ato. Depois disso, não pensei em outra coisa a não ser em recuperar o documento. Devia estar no mesmo lugar, pois o tapete cobria-o, quando a mulher chegara. Se ela não tivesse aparecido, eu nunca saberia do esconderijo. Como eu poderia entrar lá? Durante dois dias, observei a casa, mas a porta nunca estava aberta. A noite passada fiz a última tentativa. O senhor sabe o que aconteceu. Trouxe o documento e pensei em destruí-lo, pois não via meio de devolvê-lo sem confessar tudo a meu marido. Céus, ouço passos na escada!"

O sr. Hope entrou excitadamente na sala.

- Tem alguma novidade, sr. Holmes?

- Tenho esperanças.

- Ah, graças a Deus! - exclamou ele, radiante. - O primeiro-ministro vem almoçar comigo. Posso contar-lhe? Ele tem nervos de aço, mas sei que mal dormiu desde aquele dia fatídico. Jacobs, quer pedir ao ministro que venha até aqui? Quanto a você, minha querida, desculpe-nos, mas trata-se de assunto político. Iremos a seu encontro na sala de jantar, daqui a alguns minutos. O primeiro-ministro estava calmo, mas, pelo brilho dos olhos e pela contração das mãos magras, percebi que estava tão excitado como seu colega.

- Tem mesmo alguma novidade, sr. Holmes? - perguntou ele.

- Negativa, por enquanto - disse Holmes. - Investiguei em todos os lugares prováveis, e tenho certeza de que não há perigo de ter sido roubada.

- Mas isso não basta, sr. Holmes. Não podemos viver para sempre sobre um vulcão. Precisamos de algo concreto.

- Tenho esperanças disso. É por esse motivo que estou aqui. Quanto mais penso no caso, mais me convenço de que a carta não saiu desta casa.

- Sr. Holmes!

- Se tivesse saído, já teria sido divulgada.

- Mas por que a teriam roubado, se quisessem conservá-la aqui?

- Não estou convencido de que a tenham roubado.

- Então, como poderia ter saído da pasta?

- Estou convencido de que não chegou a sair da pasta.

- Sr. Holmes, a brincadeira é inoportuna. Garanto que não estava na pasta.

- O senhor examinou a pasta depois de terça-feira de manhã?

- Não; não era necessário.

- É possível que se tenha enganado, na precipitação da busca.

- Impossível.

- Pois estou convencido disso - declarou Holmes.

- Não seria a primeira vez que uma coisa dessas acontece. Suponho que os outros documentos ainda se encontrem lá. É possível que esteja no meio de um deles.

- Estava em cima.

- Alguém pode ter sacudido a pasta, deslocando-o.

- Não, não, tirei tudo da pasta.

- Mas é fácil verificar, Hope! - exclamou o primeiro-ministro. - Mande buscar a pasta.

Hope tocou a campainha e o mordomo apareceu.

- Jacobs, traga minha pasta. É pura perda de tempo, Holmes, mas, se insiste... Obrigado, Jacobs, ponha a pasta aí. A chave está sempre na corrente do meu relógio. Aqui temos os documentos. Carta de Lorde Merrow, relatório de Sir Charles Hardy, memorando de Belgrado, nota russo-germânica sobre o imposto de trigo, carta de Madri, nota de Lorde Flowers... Santo Deus, o que é isto? Lorde Beilinger! Lorde Beilinger!

O primeiro-ministro arrancou das mãos do outro o envelope azul.

- Sim, sim, é a carta, intacta. Hope, meus parabéns!

- Muito obrigado! Muito obrigado! Que peso me saiu do coração! Mas é inconcebível! Impossível! Sr. Holmes, o senhor é um mágico, um feiticeiro! Como soube que estava lá?

- Porque sabia que não estava em outro lugar.

- Mal posso acreditar em meus próprios olhos! - Hope foi correndo para a porta à procura da mulher. - Hilda, Hilda! Preciso lhe contar, Hilda!

Ouvimos ainda a sua voz, na escada.

O primeiro-ministro olhou para Holmes com um brilho nos olhos.

- Vamos lá, sr. Holmes, o senhor ainda não disse tudo. Como a carta foi parar dentro da pasta?

Holmes sorriu ante a expressão perscrutadora daqueles olhos profundos.

- Também temos nossos segredos diplomáticos - respondeu.

E, pegando o chapéu, dirigiu-se para a porta.